

PSICOPOLÍTICA DIGITAL: ENTRE O PODER INTELIGENTE E O IDIOTISMO NAS SOCIEDADES DE CONTROLE

DIGITAL PSYCHOPOLITICS: BETWEEN SMART POWER AND DIGITAL IDIACY IN CONTROL SOCIETIES

Oldemburgo da Silva Paranhos Neto – Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
netop123@hotmail.com, <https://orcid.org/0009-0000-7293-5815>

Rosiane Ferreira Martins – Universidade Federal do Pará (UFPa), *martins.rosiane@gmail.com*,
<https://orcid.org/0000-0002-1293-3073>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo analisa como a psicopolítica digital atua nas sociedades de controle, articulando os conceitos de poder inteligente e idiotismo digital para compreender de que forma o neoliberalismo, mediado por plataformas digitais, molda a subjetividade e reconfigura a esfera pública. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter bibliográfico, adota abordagem descritivo-analítica fundamentada em autores como Byung-Chul Han e Joseph Nye. Os resultados indicam que as plataformas intensificam a autoexploração, reforçam bolhas informacionais e consolidam formas sutis de dominação, apontando a necessidade de práticas críticas e coletivas como forma de resistência.

Palavras-chave: psicopolítica digital; poder inteligente; idiotismo digital; neoliberalismo, plataformaização.

Abstract: This article analyzes how digital psychopolitics operates in control societies, articulating the concepts of smart power and digital idiocy to understand how neoliberalism, mediated by digital platforms, shapes subjectivity and reconfigures the public sphere. This qualitative, bibliographic study adopts a descriptive-analytical approach based on authors such as Byung-Chul Han and Joseph Nye. The results indicate that platforms intensify self-exploitation, reinforce informational bubbles, and consolidate subtle forms of domination, highlighting the need for critical and collective practices as a form of resistance.

Keywords: digital psychopolitics; smart power; digital idiocy; neoliberalism; platformization.

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas recentes, o protagonismo das tecnologias da informação como elemento central na vida social, política e individual vem se ampliando. Se por um lado na era tecnológica (Fischer, 2011) a sociedade é marcada pela liberdade, conectividade e democratização da informação, com o reforço da ideia de poder relacionado aos dados, por outro lado, abriu espaço para um cenário ambíguo, no qual os mesmos dispositivos que viabilizam a comunicação e a expressão individual se tornaram instrumentos sofisticados de controle,

vigilância e manipulação afetiva (Han, 2022a, 2022b).

Nesse sentido, o presente estudo se dedica a compreender os mecanismos de dominação e subjetivação a partir da perspectiva da Psicopolítica, conceito central na obra do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2018). Este artigo propõe uma reflexão acerca das dinâmicas do poder na era digital. Em contrapartida à ideia de sociedades disciplinares, defendida por Foucault (1975), Han argumenta que vivemos sob uma nova racionalidade neoliberal, na qual o controle não é mais exercido por coerção externa, mas por meio de mecanismos internos de autocontrole e autoexploração. É a mente, e não o corpo, que se torna o principal campo de batalha do poder contemporâneo.

Dois conceitos complementares ganham relevância: o de *Smart Power* (poder inteligente), formulado por Joseph Nye (2011), que descreve o uso articulado do poder duro e do poder brando nas relações políticas e informacionais; e o de Idiotismo (Han, 2015), uma forma contemporânea de alienação na qual os sujeitos, ensimesmados em suas bolhas de conteúdo personalizado, se afastam da participação crítica e da esfera pública.

Assim, o presente artigo objetiva analisar como o poder inteligente se manifesta por meio das tecnologias da informação e como sua articulação com os dispositivos da psicopolítica contribui para a consolidação do idiotismo digital. A análise dialoga com a ambivalência que, ao mesmo tempo em que potencializa formas de expressão e resistência, também estrutura novas formas de dominação e alienação política.

Nesse sentido, a análise surge a partir do diálogo com a literatura de Han, em um processo argumentativo e reflexivo que se vale dos fundamentos da psicopolítica digital e da articulação entre poder inteligente e idiotismo à luz das tecnologias de informação. Trata-se de uma discussão crítica sobre os desafios éticos, políticos e subjetivos impostos por essa nova configuração do poder.

De natureza qualitativa, o artigo recorre a uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em obras teóricas que discutem poder, psicopolítica e sociedade digital, especialmente os trabalhos de Byung-Chul Han e Joseph Nye, bem como em artigos e publicações científicas que abordam o conceito de idiotismo digital e suas implicações para a esfera pública contemporânea. O método empregado consistiu na análise de conteúdo de natureza teórica e conceitual a partir de conceitos chaves como psicopolítica digital, poder inteligente, idiotismo digital e sociedade da transparência. As técnicas utilizadas incluem a revisão sistemática de

literatura e a análise interpretativa de textos acadêmicos e fontes documentais disponíveis em bases de dados digitais. Ressaltamos que o recorte teórico é voltado para uma abordagem descritivo-analítica, em consonância aos referenciais teóricos às discussões atuais que são pertinentes ao contexto das tecnologias de informação e comunicação. A partir dessa base teórica, busca-se compreender como esses mecanismos operam e quais caminhos se abrem para resistir a eles.

2 PSICOPOLÍTICA E NEOLIBERALISMO DIGITAL

O conceito de psicopolítica, desenvolvido por Byung-Chul Han, descreve a forma como o neoliberalismo opera na era digital no tocante à psique dos indivíduos, promovendo um controle que independe da coerção explícita. Enquanto a lógica disciplinar atuava sobre os corpos, a psicopolítica cria “uma forma mais eficiente de sujeição e subjetivação” (Han, 2015, p. 09), induzindo os sujeitos a internalizarem as normas e expectativas sociais. Nesse sentido, a ideia de ser o “empreendedor de si mesmo” remete a um estado permanente de autovigilância e autocontrole, engajado na otimização de sua própria performance. Assim, a repressão deixa de ter protagonismo para dar lugar à sedução, à busca constante de desempenho e positividade, alimentando-lhes uma ilusão de acreditá-los serem livres enquanto colaboram ativamente para a própria sujeição.

Nesse contexto, o digital potencializa a psicopolítica, transformando cada interação, dado e exposição da vida pessoal em mecanismo de controle sutil. Nessa lógica, cada indivíduo é simultaneamente patrão e empregado, escravo e senhor, agente e produto de sua própria exploração. Sob o neoliberalismo “não há mais classes exploradas e exploradoras, mas uma ‘ditadura do capital’ onde todos são dominados” (Han, 2015, p. 29). Essa dinâmica produz, a um só tempo, isolamento e competição, exploradores e explorados que enfraquecem, em alguma medida, identidades coletivas de resistência. Essa combinação é potencializada pela plataformação (Helmond, 2015), processo em que infraestruturas de grandes empresas se tornam base para múltiplos setores, centralizando dados e controle.

Para Han (2015), a psicopolítica representa a forma mais sofisticada de dominação no neoliberalismo: não impõe, seduz; não proíbe, estimula; não vigia ostensivamente, mas captura voluntariamente. Trata-se de uma política inteligente que atua sobre a liberdade

individual para convertê-la em produtividade. “A psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que procura agradar em vez de submeter. [...] Com muita atenção toma nota das ânsias, das ne- cessidades e dos desejos” (Han, 2015, p. 25). Nesses termos, temos que o poder se adapta às subjetividades, moldando e produzindo desejos e preferências, tornando a dominação mais eficiente e menos visível.

3 PODER INTELIGENTE

O conceito de poder inteligente (*smart power*), formulado por Joseph Nye, busca superar a dicotomia entre *hard power* (coerção e força econômica ou militar) e *soft power* (capacidade de atrair e influenciar por meio de valores, cultura e políticas percebidas como legítimas). Para Nye, a eficácia política no século XXI depende da combinação estratégica dessas duas dimensões, aplicadas de forma contextual e adaptativa.

Poder inteligente é um termo que desenvolvi em 2003 para contrapor a percepção equivocada de que o poder brando sozinho pode produzir uma política externa eficaz. (...) Poder duro é o uso da coerção e da compensação. Poder brando é a capacidade de obter os resultados desejados por meio da atração. (...) Daí a necessidade de estratégias inteligentes que combinem as ferramentas do poder duro e do poder brando. (Nye, 2009, tradução nossa).

Nye (2009) reconhece que, na sociedade em rede, as disputas por poder não se limitam à força física ou à diplomacia formal. Elas ocorrem também no plano simbólico, no controle da informação e na construção de narrativas. É aqui que sua formulação dialoga com a psicopolítica, conceito desenvolvido por Byung-Chul Han para descrever as formas de dominação que operam na esfera psíquica e afetiva, mobilizando a liberdade como instrumento de controle.

Enquanto Nye (2009) enfatiza a necessidade de integrar atração e coerção para exercer influência, Han alerta que o controle contemporâneo tende a se deslocar para o campo da per-susão invisível, incorporando a lógica da vigilância, do engajamento constante e da manipulação emocional. O poder inteligente, nesse sentido, pode funcionar como engrenagem de um modelo psicopolítico: ao unir *soft power* e *hard power*, ele opera não apenas na geopolítica tradicional, mas também na formação de subjetividades e comportamentos, especialmente no ambiente digital.

No ecossistema das plataformas, essa articulação se torna evidente. Algoritmos personalizam conteúdos para reforçar crenças, moldar desejos e induzir ações políticas ou de

consumo, combinando elementos de sedução (*soft power*) com mecanismos de bloqueio, exclusão e coerção indireta (*hard power*). A capacidade de integrar essas dimensões torna-se um diferencial estratégico tanto para Estados quanto para corporações.

O caso brasileiro recente, como as tarifas impostas pelos EUA em 2025 e a resposta articulada pelo governo Lula, ilustra essa lógica, mas não a esgota. O episódio mostra como a diplomacia brasileira, historicamente marcada pelo uso intensivo de *soft power*, precisou acionar mecanismos de pressão e defesa (via Organização Mundial do Comércio e alianças estratégicas), ao mesmo tempo em que mobilizava narrativas de soberania e legitimidade. Trata-se de um exemplo pontual de como, na prática, a combinação entre coerção e atração dialoga com as dinâmicas psicopolíticas de Han, que operam na modelagem da percepção pública e na construção da legitimidade.

Assim, o poder inteligente, quando observado à luz da psicopolítica, deixa de ser apenas uma estratégia de política externa: ele se revela também como tecnologia de poder voltada para o controle sutil das consciências, explorando tanto as estruturas de persuasão quanto os instrumentos de coerção disponíveis na era das plataformas.

4 O IDIOTISMO E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS)

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) assumiram uma posição estratégica nas dinâmicas do poder global e nas formas de produção da subjetividade. No ambiente digital, o poder se estabelece a partir da lógica da persuasão, do engajamento, da vigilância afetiva e da *gamificação* da vida. Para Byung-Chul Han (2015, 2022b), as plataformas digitais operam como dispositivos psicopolíticos que articulam um poder inteligente, ou seja, convencem as pessoas acerca de sua autonomia e liberdade, embora esse convencimento tenha fim em transformar-se em fonte de lucro e controle. Assim, foram criados o marketing digital, os algoritmos de recomendação, os sistemas de ranqueamento, as métricas, dentre outras formas de motivar os indivíduos a produzirem conteúdo sem pensar nos motivos e consequências; esse modelo de dominação está diretamente ligado ao prazer em receber “*like*”, à visibilidade e à hiperconexão, ao manter-se preso voluntariamente.

Han denominou esse quadro de idiotismo digital, isto é, uma forma de regressão política e cognitiva que transforma o sujeito em consumidor passivo. Segundo o autor, o idiotis-

mo digital refere-se ao indivíduo que se encerra em sua bolha de filtros, preferências e conteúdos personalizados, cada vez mais afastado do espaço comum e da alteridade. Nesse sentido, Han aponta para a transformação do ser humano em objeto de exploração, onde a lógica de autoexploração se disfarça de empoderamento.

A psicopolítica neoliberal inventa formas de exploração cada vez mais refinadas. Inúmeros workshops de gestão de pessoas, fins de semanas motivacionais, seminários de desenvolvimento pessoal, e treinamento de inteligência emocional, e o aumento da eficiência sem limites (Han, 2015, p. 45).

Assim, o idiotismo digital impulsiona a formação de sujeitos que se hiperexpõem nas redes, e reforçam a prática de não estabelecer comunicação real; uma hiperconexão sem coletividade efetiva; uma abundância de informação sem reflexão crítica. O excesso de positividade, de performance e de autoexibição transforma o ambiente digital em um espaço narcísico. Nesse processo, perdem-se as referências comuns, o espaço público é esvaziado e a política se reduz a afetos polarizados e instantâneos, como é o caso de figuras ligadas à internet que ascendem politicamente em pouco tempo, a exemplo do influenciador Pablo Marçal, para permanecermos no caso brasileiro.

O idiota digital se desenvolve a partir do poder inteligente das plataformas e é moldado pela psicopolítica, não conseguindo refletir criticamente sobre sua própria condição. O idiota digital não analisa criticamente sobre o que ouve, lê e vê; ele se conforma e repete; e na maioria das vezes, em vez de crítica, tem reações emocionais instantâneas; ele coloca no lugar da participação política um engajamento superficial e simbólico.

Temos visto essa dinâmica com frequência em eventos como campanhas eleitorais pautadas por *fake news* (EUA, Brasil, países europeus), guerras culturais travadas por meio de memes e *hashtags* em diferentes plataformas, e na substituição do ativismo por *likes* ou *posts* de indignação, como os recentemente ocorridos no Brasil sobre desdobramentos do processo que julga a tentativa de golpe de Estado do dia 8 de janeiro de 2023. Por fim, temos que o resultado desse idiotismo digital é um campo político cada vez mais esvaziado de conteúdo e mais orientado por impulsos afetivos, onde o sujeito digital se torna, simultaneamente, vítima e cúmplice da dominação que sofre.

5 DESAFIOS ÉTICOS E POLÍTICOS DA PSICOPOLÍTICA DIGITAL

As transformações provocadas pela psicopolítica digital colocam em xeque os próprios fundamentos da democracia, da autonomia e da liberdade no mundo contemporâneo. Ao substituir a coerção pela sedução e o controle externo pelo autocontrole, as tecnologias da informação se tornam dispositivos de captura da subjetividade promovendo não apenas vigilância, mas o que Byung-Chul Han chama de autoexploração. Um dos efeitos do idiotismo digital é o colapso da esfera pública como espaço de deliberação e construção coletiva do comum. À medida que os sujeitos se tornam cada vez mais enclausurados em bolhas algorítmicas, a es- cuta do outro, a alteridade e o dissenso político são substituídos por afirmações autocentradas. O poder inteligente das plataformas se apropria da linguagem política, estetiza a indignação e transforma a participação pública em performance individual. Essa despolitização serve ao modelo neoliberal, no sentido de não mais produzir sujeitos engajados na transformação da realidade, e sim criar usuários distraídos, produtivos e conformados, capturados pela lógica da visibilidade e da constante autopromoção. Cada vez mais o espaço de debate democrático cede lugar a campos de batalha emocionais, onde prevalecem as lógicas do cancelamento, da desinformação, da poluição informacional, do ruído e de toda uma sorte de espetacularizações.

Outro desafio diz respeito à noção contemporânea de liberdade. Como vimos anteriormente, na perspectiva da psicopolítica digital a liberdade é um ativo a ser explorado. A autonomia prometida pelas tecnologias da informação se revela uma liberdade condicionada, moldada por algoritmos, publicidade dirigida e sistemas de vigilância invisível. Assim, a relação entre poder inteligente e idiotismo digital cria uma servidão voluntária altamente funcional, na qual o sujeito acredita estar exercendo sua vontade, mas na verdade está respondendo a comandos invisíveis e operando segundo uma lógica de capitalização da própria subjetividade. O “eu” é transformado em ativo digital, quantificável, performável, monetizável. Essa exploração da liberdade individual inviabiliza o pensamento crítico e a consciência da dominância, pois o sujeito se percebe como agente, e não como explorado. No centro da psicopolítica digital está a opacidade algorítmica — isto é, a lógica oculta dos sistemas que determinam o que vemos, lemos, compramos e desejamos. Essa lógica,

embora tecnicamente neutra em sua aparência, carrega intencionalidades econômicas, políticas e sociais, e reforça desigualdades e preconceitos por meio de filtros invisíveis. Os sujeitos perdem a capacidade de distinguir o que é publicidade, propaganda, informação ou manipulação. O discernimento crítico, elemento central da cidadania democrática, é substituído por reações emocionais, compulsivas e superficiais. Essa dinâmica produz um fluxo contínuo de estímulos que não nos permite pausas, reflexão ou elaboração; o excesso de informação esvazia o sentido e mina a resistência.

Dante desse cenário, pensar em formas de resistência à psicopolítica digital implica em recuperar a dimensão ética e política dos sujeitos. Resistir, nessa perspectiva, significa re-aprender a pensar criticamente, com consciência dos mecanismos de controle e disposição para a coletividade; isso passa por educação midiática crítica com foco em formar leitores e usuários capazes de compreender os mecanismos invisíveis da informação no ambiente digital; regular plataformas com a exigência de transparência algorítmica e responsabilidade social das *Big Techs*, e por fim resgatar o valor da esfera pública promovendo o encontro com o outro. Isso dialoga com a possibilidade de ressignificação da liberdade, ou seja, entender que liberdade é uma construção coletiva de condições de existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo refletiu sobre os efeitos das Tecnologias da Informação nas formas contemporâneas de poder, a partir da articulação entre os conceitos de poder inteligente e idiosísmo digital, sob o referencial crítico da psicopolítica proposta por Byung-Chul Han. Na ótica do autor, o poder na era digital deixa de ser exercido por meio da coerção direta, passando a ser realizado por meio da sedução, pelo desempenho e pela internalização do controle. Assim, foi possível compreender como o neoliberalismo digital coloniza a subjetividade, convertendo a liberdade em instrumento de dominação.

No ambiente psicopolítico atual, o poder inteligente se apresenta como uma racionalidade invisível que combina estratégias de convencimento, gamificação da vida e captura algorítmica das emoções. Trata-se de uma lógica de autoexploração que transforma o sujeito em um "empreendedor de si mesmo", que se expõe à autoexploração, visibilidade e otimismo, mesmo quando essas exigências levam ao esgotamento psíquico e à alienação política.

Ao mesmo tempo, o fenômeno do idiotismo digital revela-se como um sintoma desse regime: sujeitos que, hiperconectados, tornam-se autocentrados, despolitzados e impermeáveis ao viver em comunidade. O idiota digital, diferente do cidadão crítico, é aquele que performa engajamento, mas não se implica na transformação do real. Ele consome afetos, causas e discursos, mas não se articula de modo coletivo e consciente. Envolto em bolhas informacionais, seu horizonte de mundo é estreito, personalizado e, em geral, orientado por algoritmos que reforçam crenças e preconceitos.

Nesse sentido, a psicopolítica opera como uma forma de poder inteligente altamente eficaz, pois penetra profundamente na experiência humana e em seus desejos e emoções transformando-as em matéria-prima para o mercado e para a governabilidade. O resultado é um mundo onde a tecnologia cada vez mais passa a mediar todas as esferas da vida, sobretudo a forma como nos relacionamos com a política, com o outro e com nós mesmos.

Em relação a esse cenário, percebemos que os desafios éticos e políticos são imensos e não é possível negar a tecnologia, assim uma solução seria criar sociedades nas quais seja possível repreender a habitá-la com consciência crítica. Isso passa por uma profunda transformação da educação, da cultura digital, das políticas públicas de regulação das plataformas e, sobretudo, da nossa própria disposição subjetiva para o outro e para a sociedade.

Por fim, o pensamento de Han nos leva a refletir acerca da liberdade na era digital. Nesse sentido a importância da ressignificação de sentidos, vínculos e resistências, possivelmente não levarão a repreender a dizer não, a descobrir novas formas de subjetivação que escapam à lógica da transparência e do rendimento.

A psicopolítica como vasto espaço para reflexões nos leva a propor desdobramentos futuros neste trabalho, assim, propomos nos aprofundar nos estudos das formas de resistência psicopolítica já em curso como movimentos de comunicação comunitária, plataformas livres, educação midiática crítica, e práticas de cuidado e desaceleração, que apontam para modos outros de viver e pensar a tecnologia.

REFERÊNCIAS

FISCHER, Michael M. J. **Futuros Antropológicos**: redefinindo a cultura na era tecnológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Petrópolis: Editora Vozes, 2022b.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2015.

HAN, BYUNG-CHUL. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021b.

HELMOND, Anne. The Platformization of the Web: Making Web Data Platform Ready. **Social Media + Society**, v. 1, n. 2, p. 1-11, jul./dez. 2015.

NYE, Joseph S. **The Future of Power**. New York: PublicAffairs, 2011.